

VIVÊNCIA

história, sexualidade e imagens femininas



brasiliense

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Índice

Apresentação	7
Introdução — <i>Maria Cristina A. Bruschini e Fúlvia Rosemberg</i>	9
Aí a porca torce o rabo — <i>Cynthia Sarti e Maria Quartim de Moraes</i>	19
As musas da matinê — <i>Elice Numerato e Maria Helena Darcy de Oliveira</i>	59
A especificidade da argumentação feminina face às determinantes culturais — <i>Telma Camargo da Silva</i>	93
Feminismo no Rio Grande do Sul: primeiros apontamentos (1835-1945) — <i>Pedro Maia Soares</i>	121
O divórcio na Capitania de São Paulo — <i>Maria Beatriz Nizza da Silva</i>	151
A dupla documentação sobre mulheres no livro das viagens (1800-1850) — <i>Miriam Lifchitz Moreira Leite</i>	195
Heresia, mulher e sexualidade (algumas notas sobre o Nordeste Brasileiro nos séculos XVI e XVII) — <i>Ilana W. Novinsky</i>	227
Sexualidade e desconhecimento: a negação do saber — <i>Branca Maria Moreira Alves</i>	257

Apresentação

Esta coletânea, organizada por Maria Cristina Bruschini e Fulvia Roseberg, inclui estudos elaborados a partir dos projetos vencedores no 1.º Concurso de Dotações para Pesquisas sobre a Mulher Brasileira, realizado pela Fundação Carlos Chagas com apoio financeiro da Fundação Ford, em 1978.

Colaboraram pesquisadores e militantes de diferentes regiões do país que se dispuseram a desvelar, nesta coletânea, produtos de seu trabalho em torno da mulher brasileira, na história, na literatura, no cinema, na imprensa e na sexualidade.

Um 2.º volume, em fase final de acabamento, tratará principalmente do trabalho feminino, rural e urbano.

Introdução

Talvez, o que nos caracterizasse desde o início era sermos pesquisadoras — mulheres estudando mulheres. Havia nossas experiências profissionais e de vida, vivências muito diversas, dispersadas que havíamos sido pela diáspora pós-64. Refletíamos, porém, a condição particular de um grupo opressor/oprimido tentando se apossar, usar e transformar linguagem e instrumental que permitissem questionar, no pensar e no agir, o concreto da opressão, seus determinantes e perpetuadores.

Havia um seminário, aberto a outras instituições e pessoas, que realizávamos periodicamente: éramos mulheres estudando mulheres, pesquisadoras estudando mulheres, feministas estudando mulheres. Aceitávamos e por vezes mesmo escolhíamos integrar nas discussões a esfera do privado e do profissional, já que no trabalho o distanciamento havia sido substituído por empatia, a neutralidade por concernimento.

1975. Ano Internacional da Mulher. Conferências no México. Repercussão no Brasil. Sensacionalismo e imprensa — mulher é facilmente consumível. Uma ou outra entrevista. De início assustadas: recuperação. Mas ocorre a Semana da Mulher Brasileira no Rio. A Semana da Mulher Paulista. Grupos militantes estão se formando. Fomos. Destas opções, decorre já, na prática, uma redefinição da reflexão que se expande, não mais se separando da ação: não se cindem mais militância e cotidiano, militância e trabalho profissional.

Debate

Tema desta reunião: a mulher paulista.

“Por um dia de trabalho na colheita de feijão, no interior do Ceará, o homem ganha 12 cruzeiros e a mulher, cinco.” A diferença de salários pagos a homens e mulheres foi um dos assuntos levantados na abertura do I Encontro para o Diagnóstico da Mulher Paulista, realizada ontem à noite na Sala 31 de Março, da Câmara Municipal.

O encontro, idealizado por representantes de entidades de bairro, assistenciais, trabalhistas e educacionais, é promovido pela ONU e pela Cúria Metropolitana de São Paulo.

Seis depoimentos sobre a mulher no Brasil

Estereotipada como mãe de tempo integral, ou catalogada como vítima de uma sociedade que a reprime, de repente a figura da mulher é rediscutida em todo o mundo. Atriz principal, ou mera coadjuvante?

VISÃO ouviu seis mulheres que se preocupam com problemas da mulher na moderna sociedade brasileira.

O movimento feminista brasileiro ainda não saiu às ruas. Mas os grandes temas já começam a ser agitados.

A nova imagem do feminismo

"Ser feminista é propor, lutar por, atuar no sentido em que haja uma igualdade de direitos e oportunidades entre pessoas, entre homens e mulheres"

MOVIMENTO

Entrevista com Fulvia Rosenberg, da Fundação Carlos Chagas, uma das que ministrou o curso "Pesquisa sobre Trabalho da Mulher" durante a reunião da SBPC, abordando a questão do estereótipo da mulher nos meios de comunicação

F - E como você vê o movimento feminista?

FR - Existe uma tal ridicularização da imprensa, e uma tal distorção dos movimentos feministas, que as pessoas se sentem ridículas, têm medo de serem identificadas com aquela imagem distorcida que a imprensa divulgou. E que agora talvez esteja modificando. Até o Ano Internacional da Mulher (1975) a imprensa divulgava sobretudo aspectos espetaculares do feminismo, e que se poderia, inclusive, dependendo da postura, considerar ridículos, ou não. Por exemplo, a queima dos sutiãs... Exteriormente é ridículo, que se você achar que aquilo funcionou como a ruptura de um símbolo, então você pode aceitar o episódio, e num outro nível. Mas tenho a impressão que o cerne dessa ridicularização está no fato de um certo movimento feminista americano ter proposto a luta entre os sexos, o que não é a proposta mais geral do movimento. Ser feminista é propor, lutar por, atuar no sentido em que haja uma igualdade de direitos e oportunidades entre as pessoas, entre homens e mulheres, como seres humanos. Nesse sentido eu sou feminista.

SBPC: os trabalhos já estão prontos

Carmem Barroso, em companhia de outras pesquisadoras da Fundação, irão apresentar simpósio e curso sobre a condição da mulher brasileira durante a 29.ª Reunião Anual da SBPC, que se inicia no próximo dia 6, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. O simpósio está marcado para o dia 11 e o curso inicia-se no dia 6. As aulas serão dadas das 8 às 9 h e irão até o dia 12, delas participando Fúlvia Rosemberg (modelos de papéis sexuais transmitidos pelos meios de comunicação brasileiros no dia 7); Carmen Barroso (dia 8), descreverá a situação de inferioridade a que é relegada a mulher que trabalha no Brasil e fará análise de alguns aspectos da legislação que contribuem para a manutenção dessa situação; Maria Machado Malta Campos, no dia 9, falará sobre o trabalho doméstico, discutido do ponto de vista social, econômico e psicocultural; Guiomar Namó de Mello, (dia 11), discutirá a situação da mulher no sistema de ensino formal em seus aspectos quantitativos e qualitativos, relacionando-a à socialização em sentido mais amplo e Marília Graciano, no dia 12, discutirá, em sua aula sobre Escolha de Modelos entre Crianças, a aquisição de papéis sexuais.

Os problemas e dúvidas encontradas nas pesquisas sobre mulheres no Brasil foram amplamente discutidos entre as 200 pessoas que participaram dos debates. Esse assunto foi abordado pela socióloga Maria Machado Malta Campos, da Fundação Carlos Chagas. Entre as suas declarações, ela ressaltou que "qualquer reivindicação feminista, em países do terceiro mundo só tem sentido se inseridos em um movimento político global e em uma luta onde as desigualdades dos sexos parecem se diluir por trás da fome, da doença e da injustiça."

O que pode significar o medo do sucesso e do trabalho

"A mulher tende a se afastar do sucesso". Tal afirmação foi uma constante na terceira conferência do Encontro para o Diagnóstico da Mulher Paulista, realizada anteontem à noite na Câmara Municipal de São Paulo, sobre o tema A Mulher e a Educação. Debateram os problemas Guiomar Namó de Mello, mestre em psicologia da educação e pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, Hebe Guimarães Leme, socióloga e en-

em igualdade de número com os meninos, mas nas séries terminais do curso de 2.º grau há um índice maior de meninas, pois os meninos repetem mais. É essa determinação que faz com as meninas cheguem mais cedo ao vestibular, o que não quer dizer que ultrapassem essa fase brilhantemente: estão condicionadas a certas profissões que incompatibilizam-se com o casamento e aos valores determinados durante sua formação. Aos 15,

Mulher, maior interessada por ela mesma

Hoje a partir das 9 horas, as participantes assistirão à palestra "Aquisição de Papéis Sexuais na infância", por Marília Graciano, Quinta feira, "Estereótipos Sexuais e a Produção Cultural para Crianças", por Fúlvia Rosemberg, sexta feira, "Classe Social e Atitudes diante da Maternidade", por Mary Jane Spink. Dia 17, no encerramento "Mulheres e Trabalho Doméstico", por Evelyn Glenn, professora de sociologia da Universidade de Boston.

Detalhe extra: no dia 15, a mesma Evelyn fará uma palestra sobre

MULHER

O Caderno de Pesquisas nº 15, que acaba de ser publicado pela Fundação Carlos Chagas, de São Paulo, é totalmente dedicado à análise dos vários aspectos de que se reveste a inferiorização da mulher em nossa sociedade. Ele abrange quase todos os seminários realizados no país durante o Ano Internacional da Mulher, e por isso se torna uma das mais importantes publicações sobre o assunto no Brasil.

Terminando a leitura, sentimos o peso da dificuldade com que se deparam as feministas, ao desejarem atuar sobre a cultura para eliminar a discriminação de sexos. Não basta superar a sociedade hierarquizada, para que automaticamente se elimine a desvalorização da mulher: será preciso prolongar um trabalho específico de modificação da mentalidade de ambos os sexos, para se conseguir superar uma divisão de papéis secularmente constante. A rigidez de papéis de sexo mantém-se mesmo em socie-

dades de economia estatizada. Isto demonstra a dificuldade da mudança de atitudes, e revela o grau de resistência que oferece a ideologia, mesmo depois de transformadas as relações de produção.

A análise da distribuição de papéis de sexo e a crítica à tradicional "missão primordial de mãe" são premissas para a elaboração de uma teoria feminista, que permita apontar caminhos para superar a discriminação e a inferiorização da mulher. A emancipação feminina só será possível quando se eliminarem as diferenças de papéis de sexo. Trabalhos como o destas pesquisadoras vêm contribuir para uma maior compreensão da situação da mulher em nossa sociedade, e fazem parte de um esforço global que tem sido empreendido em todo o mundo no sentido da construção de uma abordagem feminista às ciências sociais.

Assim, além das tradicionais vias de atuação acadêmica — produção, disseminação, assessoria —, vincula mo-nos com grupos de ação, procurando colocar nosso trabalho a serviço de uma prática transformadora da realidade. Daí a participação na CPI.

CPI inoportuna? Medo do erro. Enfrentando o erro. Errantes. Expusemo-nos. Televisão, grande imprensa, jornais alternativos. Medo do desprestígio acadêmico da obra de divulgação. Do preconceito. De deslizes promocionais. Agindo em vários níveis, usando a especificidade de nosso trabalho: a pesquisa, o estudo, a palavra. Falar, escrever.

MULHER

Ainda à procura da igualdade

Os primeiros depoimentos colhidos pela CPI que investiga a situação da mulher no Brasil indicam que a igualdade de condições permanece teoria.

Na primeira reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito que investiga a situação da mulher no Brasil, o senador Jarbas Passarinho (Arena-PA), evocando sua experiência como administrador regional da Petrobrás, resolveu enfrentar as quatro jovens pesquisadoras da Fundação Carlos Cha-

gas que, em depoimento, acusavam a empresa estatal de discriminar as mulheres na contratação de seus técnicos.

Eloqüentemente, Passarinho tentou justificar o comportamento da Petrobrás descrevendo as pesquisas de campo na selva amazônica, que reuniam,

muitas vezes, trinta a quarenta homens, trabalhando isolados da civilização durante meses. Como admitir, perguntava o senador, que a Petrobrás incluisse em tais expedições uma geóloga, cuja condição feminina poderia ser disputada pelos companheiros homens na solidão da selva?

A resposta da pesquisadora Fúlvia de Barros Resemberg veio rápida e fulminante: a seu ver, deveria caber à mulher — e não à Petrobrás — a decisão de aceitar ou não os eventuais riscos de tais trabalhos geológicos. E, enquanto respondia ao senador, a pesquisadora exibiu ao plenário da CPI um calendário da Petrobrás onde aparecia uma mulher nua, de seios

Mulheres alegam desigualdade com base em pesquisa

Da sucursal de
BRASÍLIA

A discriminação contra a mulher no ensino, no trabalho, nos anúncios veiculados por todos os meios de comunicação de massa e até em histórias infantis, foi o tema das exposições de quatro pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas, de São Paulo, na Comissão Parlamentar de Inquérito que analisa os problemas da mulher brasileira, cujos trabalhos começaram ontem.

Com base em pesquisas oficiais brasileiras e estudos de organismos internacionais, as pesquisadoras Carmen Barroso, Fúlvia Rosemberg, Maria Malta Campos e Guiomar de Mello mostraram que o Brasil ainda está longe de ser um país que ofereça igualdade de oportunidades aos homens e às mulheres. Os congressistas presentes — com exceção da deputada Lygia Lessa Bastos (Arena-RJ) — eram todos homens, mas limitaram-se a concordar com a exposição das pesquisadoras.

Para Fúlvia Rosemberg, a mulher é considerada na sociedade brasileira como "um objeto sexual, adorno do homem, ser inferior e

mutilado". Depois de mostrar slides e ler alguns textos, a pesquisadora traçou um perfil da mulher brasileira: "Seu mandamento: não trabalharás profissionalmente. Seu símbolo: o avental. Seus atributos: os acessórios de cozinha e limpeza. Seu universo: a casa".

A discriminação salarial e várias formas de burlar as leis trabalhistas e civis, sempre em detrimento da mulher, foram analisadas à luz de estatísticas e exemplos citados em reportagens jornalísticas. Carmen Barroso lembrou o caso da Petrobrás que se recusou a aceitar mulheres num concurso para geólogos. Nesse momento, o senador Jarbas Passarinho, ex-diretor da Petrobrás, retrucou lembrando as dificuldades do trabalho de campo dos geólogos que, geralmente, permanecem meses incomunicáveis em regiões inóspitas e onde a mulher teria de enfrentar a voracidade sexual de mais de 40 homens. Então, Carmen Barroso respondeu, de modo polido: "Eu acredito que, nesse caso, o problema é das geólogas, se querem ou não enfrentar as duras condições do trabalho de campo, se querem ou não serem disputadas por 40 homens".

Discutir. Ouvir. Conhecer a condição comum, na "certeza de que é através de todas estas mulheres que pode se chegar a um pensamento e a uma palavra de mulheres". Daí a vontade de alargar o campo da pesquisa, não apenas por preocupação militante, mas "para melhor conhecer e entender o que nos constitui e nos importa".

Este desejo/necessidade de conhecermo-nos marcou fortemente a realização do 1.º Concurso de Dotações para Pesquisas sobre a Mulher.

Fundação oferece bolsas de estudo

A Fundação Carlos Chagas, com apoio da Fundação Ford, está oferecendo bolsas de estudo a pessoas que desejarem realizar trabalhos científicos sobre trabalho e educação da mulher brasileira. Para selecionar os candidatos, a Fundação realizará concurso, aberto a qualquer pessoa ou grupo de

pessoas, com residência permanente no Brasil, ligadas ou não a uma instituição. Para inscrever-se, o candidato deverá elaborar projeto e enviá-lo à rua Cardeal Arcoverde, 1847, caixa postal 11478, cep 05407, São Paulo, Capital, até 20 de fevereiro próximo.

Pesquisa abordará condição feminina

IREDE A. CARDOSO

"O que conhecemos sobre a situação da mulher brasileira é insuficiente. O trabalho de pesquisa que vem sendo feito é importante, mas ainda não basta."

Assim a pesquisadora Carmen Barroso, da Fundação Carlos Chagas, justifica os motivos que levaram a instituição a preparar um projeto sobre a condição da mulher e apresentado à Fundação Ford, que forneceu recursos da ordem de Cr\$ 120 mil para custear trabalhos sobre o tema e que poderão ser desenvolvidos

por especialistas interessados, de qualquer área de estudos

IMPORTANCIA

O presidente da Fundação Carlos Chagas, prof. Adolpho Ribeiro Netto, enfatiza a importância do programa, assinalando que, geralmente, a área das Ciências Humanas tem sido pouco incentivada, em termos de desenvolvimento de pesquisas e a temática "Mulher", ainda menos.

O programa pretende ser suficientemente aberto para

acolher não apenas projetos provenientes de centros com tradição acadêmica, mas também de regiões menos privilegiadas; assim, não serão selecionados projetos objetivando apenas a elaboração de teses acadêmicas, mas também trabalhos de pessoas não vinculadas a instituições e interessadas na reflexão crítica sobre o papel da mulher brasileira na sociedade

“Embora tardiamente, as Ciências Humanas parecem estar corrigindo o viés histórico de ignorar a problemática específica da mulher. Com efeito, observa-se, atualmente em vários países do mundo, uma fermentação de idéias e uma extraordinária expansão de estudos empíricos sobre o tema, o que acarretará, sem dúvida, não apenas melhor compreensão da condição feminina, como também uma reformulação das bases teóricas das Ciências Humanas” - acrescenta o prof. Ribeiro Netto.

REFLEXÃO

Segundo os organizadores do programa, o estudo sistemático sobre a mulher brasileira não tem merecido, praticamente, qualquer incentivo. O programa visaria, também, a suprir esta carência, ao incentivar estudos objetivos que reflitam sobre os problemas específicos à mulher brasileira.

E citam um exemplo: “Sabe-se muito pouco sobre como as mulheres organizam seu tempo em atividades domésticas e profissionais ou como são conciliadas as atividades profissionais de homens e mulheres com o cuidado a ser dispensado aos filhos menores. Além de existirem pouquíssimos serviços coletivos e creches, não há cálculo preciso sobre os recur-

sos necessários para atender a demanda e pouco se sabe também sobre as formas alternativas utilizadas pela população e suas correspondentes consequências.”

Lembram, ainda, que, se já sabemos que há discriminação contra a mulher no trabalho, na política, na legislação, no sistema financeiro e em muitos outros setores, não se conhece suficientemente a amplitude e os determinantes dessas discriminação, principalmente aquelas mais sutis, que estão de tal forma incorporadas ao cotidiano e que nem são percebidas como tais. Refletindo e reforçando as atitudes estereotipadas, a imagem dos papéis sexuais nos meios de comunicação de massa constitui área que merece investigação mais aprofundada, tanto em seus aspectos descritivos, quanto na proposta de modelos alternativos.”

PARTICIPAÇÃO

Atualmente, a participação das mulheres nos vários níveis do sistema educacional é semelhante a dos homens. Apesar disso, observa-se ainda a persistência da segregação das mulheres em número limitado de cursos. Por isso, é necessário compreender os mecanismos que asseguram a perpetuação desse padrão e, particularmente, as práticas de socialização que reproduzem atitudes sexualmente estereotipadas. Reprimida, envolvida em tabus de culpabilidade — ressaltam os organizadores do programa — a sexualidade feminina continua sendo ignorada, apesar de uma aparente liberação em certos meios.

“Pouquíssimo estudada em nosso meio — acrescentam — a área da sexualidade precisa ser investigada, tanto em seus as-

pectos psicológicos, quanto sociológicos e políticos.

Esses são alguns exemplos que os organizadores do programa apontam como sendo merecedores de estudo e reflexão. Mas — afirmam — muitos outros deverão aparecer nas propostas que serão enviadas à Fundação Carlos Chagas.

O PROGRAMA

Para inscrever-se no programa, os interessados devem enviar as propostas de pesquisa até 20 de fevereiro de 1978, à

Fundação Carlos Chagas rua Cardeal Arcoverde, 1.847, Pinheiros, Capital, caixa postal 11478, CEP 05407, SP). Tais propostas devem incluir: projeto, com bibliografia utilizada; cronograma; orçamento detalhado por itens principais, indicando-se ainda outras fontes de assistência financeira, se houver; "curriculum vitae", incluindo especificação das atividades profissionais atuais, carga horária e remuneração de todos os pesquisadores.

A resposta ao estímulo foi forte. Vieram muitas propostas de trabalhos acadêmicos e militantes. Um dos produtos aqui está: a diversidade desta coletânea. Vivências.

M.C:B. e F.R.